



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA -
IFPB**

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

PAULA DANIELE TORRES DE CASTRO MATOS

**O ESTUDO DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DO
EMPODERAMENTO FEMININO NA PERSONAGEM EMÍLIA, DO *SÍTIO DO
PICAPAU AMARELO***

CAMPINA GRANDE-PB

2022

PAULA DANIELE TORRES DE CASTRO MATOS

**O ESTUDO DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DO
EMPODERAMENTO FEMININO NA PERSONAGEM EMÍLIA, DO *SÍTIO DO
PICAPAU AMARELO***

Artigo apresentado como requisito parcial para a
conclusão do curso de Licenciatura em Letras a
Distância, do IFPB.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joyce Kelly Barros Henrique

CAMPINA GRANDE-PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca do IFPB, *Campus* João Pessoa

M433e Matos, Paula Daniele Torres de Castro.
O estudo de gênero na literatura infantil : análise do empoderamento feminino na personagem Emília, do Sítio do Picapau Amarelo / Paula Daniele Torres de Castro Matos. – 2022.
37 f.

Artigo (Graduação – Licenciatura em Letras à Distância) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB / Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras à Distância.
Orientador : Prof^a. Dra. Joyce Kelly Barros Henrique.

1. Estudo de gênero. 2. Empoderamento feminino. 3. Literatura infantojuvenil brasileira. 4. Emília. I. Título.

CDU 305:82-93

PAULA DANIELE TORRES DE CASTRO MATOS

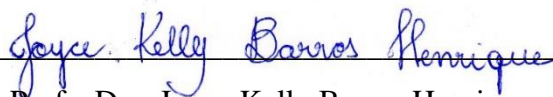
**O ESTUDO DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DO
EMPODERAMENTO FEMININO NA PERSONAGEM EMÍLIA, DO *SÍTIO DO
PICAPAU AMARELO***

Artigo apresentado como requisito parcial para a
conclusão do curso de Licenciatura em Letras a
Distância.

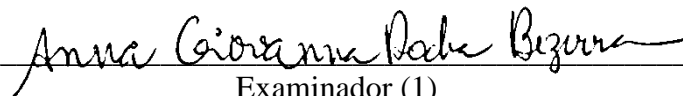
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joyce Kelly Barros Henrique

Aprovado em 07/12/2022

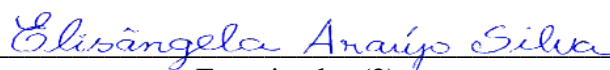
BANCA EXAMINADORA



Prof.a Dra. Joyce Kelly Barros Henrique
Orientadora-IFPB



Examinador (1)



Examinador (2)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha tia, Maria Betânia, que nos deixou cedo por conta da Covid-19. E também para todos os familiares, amigos e pessoas vítimas da Covid-19 que não tiveram a oportunidade de se vacinar e não conseguiram voltar para suas famílias. Tia, te amaremos para sempre!

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida o processo de escrita deste trabalho não foi fácil. O caminho foi árduo, mas tive o prazer de encontrar nessa jornada pessoas especiais, as quais não posso deixar de agradecer.

Inicialmente, expresso minha gratidão a Deus, por me dá forças, coragem e sabedoria, por me permitir vivenciar esse momento, tão esperado e sonhado por mim e minha família.

À professora e orientadora Dra. Joyce Kelly Barros Henrique, o meu sincero agradecimento, pela sua disponibilidade, mesmo tendo fechado a cota de orientando, aceitou-me prontamente como sua orientanda. Seus incentivos foram fundamentais para realizar e prosseguir este estudo. Agradeço a orientação valiosa, confiança e amizade e, antes de tudo, por acreditar neste trabalho e ter me ajudado a realizar um sonho, que faz parte do meu projeto de vida. Eu realmente aprendi muito com você, muito obrigada!

À professora e coordenadora do Campus de Campina Grande, Me. Adriana Araújo Costeira de Andrade, por sua disponibilidade em me ajudar na busca incansável de um orientador(a) e pelos pertinentes conselhos dados sempre que a procurei. Por sua boa vontade em me ensinar, sempre com paciência e carinho. Muito obrigada!

Agradeço à minha mãe, dona Nilda Geraldo Torres, mulher forte e guerreira que fez sempre de tudo para oferecer o melhor, mesmo criando os três filhos sozinha, não poupou esforços para que pudéssemos estudar.

Agradeço também a meus irmãos, Reinaldo de Castro e Patrícia Torres, pelo apoio que sempre me deram nos momentos mais difíceis da vida.

Ao meu esposo e companheiro, Marcos Matos, meu eterno agradecimento, pois não poupou esforços para me levar às inúmeras vezes que precisei ir à Campina Grande, e foi quem mais esteve presente nesta caminhada que eu vivi nos últimos anos de curso, ou quando precisei me ausentar da presença dos meus filhos e familiares, para me dedicar às atividades acadêmicas, por compreender todos os meus momentos e dificuldades. Seu valioso e incansável apoio foi definitivo em todos os momentos deste trabalho.

Ao meu filho, Luiz Gabriel, meu primogênito, agradeço as demonstrações de afeto, ao apoio e ao ombro amigo que precisei, muitas vezes me refugiei, sobretudo, nos momentos

tortuosos que vivemos durante a pandemia e que me ensinou o verdadeiro sentido da palavra Amor. À minha filha, Maria Eduarda, agradeço a espontaneidade, carinho e amor incondicional que sempre me estimularam nos momentos difíceis, apoiamo-nos, reerguemo-nos e estamos trilhando um caminho de muita luz. Quero agradecer aos dois pelo apoio incondicional, compreensão e paciência demonstradas, sempre a todo momento.

À amiga Kalina Cavalcanti, agradeço pelas numerosas sugestões dadas ao longo desses anos e, antes de tudo, pela amizade, carinho e disponibilidade em ajudar, mesmo grávida chegando perto dos nove meses, estava ali me apoiando, segurando minha mão e dizendo: não desista. Saiba que você é um presente que o IFPB me deu.

Agradeço também à minha psicóloga, Vagna Farias, que foi em seu consultório que surgiu a ideia para minha tese, além de me ajudar no autoconhecimento, você foi fundamental para meu crescimento e compreensão dos sentimentos e emoções.

À minha amiga Joalline Nascimento, agradeço pela atenção e o apoio em todos os momentos em que se tornou necessário e pela inestimável ajuda na finalização deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos os professores e professoras que compõem o IFPB, vocês foram fundamentais na minha formação acadêmica, no meu desenvolvimento tanto profissional quanto pessoal. Que levam a sério a educação, que não desanimam mediante as dificuldades, obrigada por não desistirem, por acreditarem na educação. Assim, finalizo dizendo: Viva a Balbúrdia! Viva a Educação de Qualidade! Viva ao IFPB!

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as questões de gênero na literatura infantil, a partir do empoderamento feminino da personagem Emília, do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, uma obra representativa da literatura infantojuvenil brasileira, publicada em 1930. Por meio de uma metodologia bibliográfica, o artigo evidenciou que a representação de Emília, a boneca de pano falante, traz consigo uma reflexão que ecoa atualmente, ao se aproximar de questionamentos e temas valorizados em nossa sociedade, como a liberdade de expressão, a igualdade de gênero, entre outros. Para entender a personagem Emília enquanto agente social, buscou-se compreender as relações sociais baseadas no estudo da obra ao apresentar uma reflexão sobre a prática da personagem. Procurou-se, também, observar mecanismos utilizados pela Marquesa de Rabicó, tanto nos recortes escolhidos para narração como no seu desenvolvimento na narrativa. Ou seja, foi realizada uma organização sistemática no enredo, tendo como objetivo compreender os sentidos de relações de gênero produzidos em nossa sociedade e como o gênero vem interagindo com discursos emancipatórios para uma conscientização individual e coletiva no empoderamento da mulher e da menina/criança a partir da reflexão social, histórica e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; Empoderamento feminino; Emília.

ABSTRACT

This work aims to analyze gender issues in children's literature, based on the female empowerment of the character Emília, from *Sítio do Picapau Amarelo*, written by Monteiro Lobato, a representative work of Brazilian children's literature, published in 1930. Through a bibliographic methodology, the article showed that the representation of Emília, the talking rag doll, brings with it a reflection that echoes today, when approaching questions and themes valued in our society, such as freedom of expression, gender equality, among others. In order to understand the character Emília as a social agent, we sought to understand the social relations based on the study of the book by presenting a reflection on the character's practice. It was also sought to observe mechanisms used by the Marquise of Rabicó, both in the clippings chosen for narration and in their development in the narrative. In other words, a systematic organization was carried out in the plot, aiming to understand the meanings of gender relations produced in our society and how gender has been interacting with emancipatory discourses for individual and collective awareness in the empowerment of women and girls/children. from social, historical and cultural reflection.

KEYWORD: Children's Literature; Female empowerment; Emília.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	13
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1 LITERATURA INFANTIL: UMA BREVE DISCUSSÃO	14
3.2 AS QUESTÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL	18
3.3 VIDA E OBRA DE MONTEIRO LOBATO	22
ANÁLISE DO EMPODERAMENTO FEMININO NA PERSONAGEM	
4 EMÍLIA, DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil desempenha um papel importante não apenas na escola e na sociedade, mas também na formação do indivíduo como agente de transformação social. No entanto, tanto a escola quanto a sociedade continuam desconhecendo a importância da leitura na formação de crianças e adolescentes, tendo em vista que a literatura infantil nem sempre é vista como arte, e, sim, voltada para cunho pedagógico. Zilberman (1985) aponta as relações históricas que devem ser consideradas acerca desta questão:

Os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança (ZILBERMAN, 1985, p. 13-14).

Desta forma, pode-se perceber que a literatura infantil é aquela que une o imaginário e/ou a imaginação ao mundo das palavras. Os livros infantis são carregados de afetividade, sobretudo na relação criança-livro-adulto – quando um adulto se dispõe a ler para uma criança, há ali uma relação de afeto, por exemplo –, relacionando os livros ao “cheiro da infância”, marcando a vida de tal maneira que, ao olharmos uma capa, já possamos nos remeter às lembranças, mesmo sem revisitarmos a obra (MADRIGAL, 2019).

Diante desta relação de afeto provocada pelos livros, pode-se dizer que a literatura infantil tem um papel na formação do ser humano e, conseqüentemente, nas discussões que este desenvolve sobre assuntos como gênero, por exemplo. O livro pode ajudar crianças a entenderem seu próprio gênero através de vários personagens retratados em diferentes cenários. Para tanto, as crianças precisam de histórias que reflitam aspectos da vida moderna e tragam discussões como multiculturalismo, igualdade de gênero e direitos humanos, que são temas recorrentes em nossa sociedade. Portanto, a literatura infantil busca cumprir seu papel tanto de humanização do ser humano como de fomentar o prazer pela leitura.

Ainda se faz necessário destacar que a representação de gênero na literatura fornece *insights* sobre construções sociais e normas culturais. Os papéis de gênero, por exemplo, foram desenvolvidos conforme as culturas predominantes: mulheres cuidando de casa, do marido e dos filhos, enquanto o marido trabalha fora para garantir o sustento da família (GRAEBIN, 2020). Por sua vez, essas representações fornecem uma visão sobre o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade, que foi constituída sob bases patriarcais

(PISCITELLI, 2002). Logo, as histórias sobre elas nos permitem entender como os homens observam as mulheres e como eles percebem a feminilidade, a sociedade, a história e a cultura.

Considerando o que foi posto anteriormente, o objetivo deste estudo é analisar as questões de gêneros na literatura infantil, a partir do empoderamento feminino da personagem Emília, do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Por conseguinte, esse artigo propõe, ainda, analisar, sob uma nova ótica, a boneca de pano falante, haja vista que é uma personagem conhecida por ser astuta, tagarela e irreverente, pois tem nas “veias” a insubmissão, com ideais para além de seu tempo. Ademais, ela questiona a todos sem temer ofender ninguém; não leva as coisas ao “pé da letra” e está sempre procurando novas perspectivas sobre a vida. Pode parecer frívola à primeira vista, mas, por trás desse exterior, há um lado mais sério — aquele que acredita em defender o que pensa, mesmo que isso signifique ir contra a corrente.

Emília foi escolhida como objeto de estudo porque a sua representação é a de uma figura feminina forte, altruísta, resistente e aborda questões de gênero, raça, sexualidade, política e educação. Com isso, o feminismo desempenhado nas experiências da boneca Emília reflete o lado oposto da sociedade da época. Nesse tempo, esperava-se que as mulheres desempenhassem papéis pertencentes à esfera familiar, ou seja, a mulher cuidadora. Desta forma, “enraizada numa tendência cultural mais genérica a ‘prender filhas’ e protegê-las de aventureiros” (TATAR, 2004, p. 109).

É possível afirmar que a perspectiva feminista pertencente à personagem Emília revisita a desnaturalização da função “do lar” das mulheres. Assim, apresenta aos leitores uma visão libertadora, livre das amarras e mordidas que eram vistas como “naturais” na sociedade patriarcal, permitindo “que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência” (HOOKS, 2018, p. 29).

No que se refere à metodologia desse estudo, configura-se como uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista que foram analisados artigos, dissertações e livros sobre a temática. Apoiamos a investigação em Hooks (2018), Lajolo (2007) e Zilberman (1985; 2007), entre outros autores. Por ser uma pesquisa bibliográfica, teve-se como finalidade fazer investigações sobre diversas posições/produções acerca do objeto de estudo.

A pesquisa é estruturada da seguinte forma: no tópico 2, tem-se a metodologia, na qual se discute o tipo de pesquisa, o método e as etapas para se chegar aos resultados. No tópico 3, há a fundamentação teórica, que é subdividida nos subtópicos 3.1, no qual há uma breve discussão sobre a literatura infantil, e 3.2, no qual ocorre a discussão sobre as questões de

gênero na literatura infantil. No tópico 4, relata-se a vida e a obra de Monteiro Lobato. E, no tópico 5, são apresentados os resultados em que é analisada a personagem Emília, de Monteiro Lobato, no *Sítio do Picapau Amarelo*, e seu empoderamento feminino.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos reflexões realizadas a partir da análise do contexto histórico em uma perspectiva ideológica, social e cultural, observadas no objeto de estudo.

2 METODOLOGIA

Este estudo se configura como uma pesquisa bibliográfica, pois foram buscadas informações na seleção de documentos que se relacionem com o objeto de estudo (livros, artigos, monografias, teses, dentre outros). Sobre a pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi (2003) afirmam que:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 182).

Partindo desse pensamento, a pesquisa bibliográfica fornece meios relevantes para definir e resolver problemas conhecidos, mas também para explorar áreas em que o problema não está suficientemente especificado. Assim, passa para um campo exploratório, não sendo uma mera repetição do que já foi estudado, mas fornecendo mecanismos que propiciam a análise de um tema sob um novo olhar.

Para a discussão da literatura infantil, foram lidos os autores: Coelho (1985), Lajolo e Zilberman (2007), Zilberman (1985), entre outros. Para a análise das questões de gênero na literatura infantil, foram utilizadas autoras como Hooks (2018) e Scott (1995). Sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato, embasamo-nos nas autoras Lajolo e Zilberman (2007).

Em seguida, foi analisado o empoderamento feminino da personagem Emília, do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Assim, foram estudadas as obras *As Reinações de Narizinho* e *Sítio do Picapau Amarelo*. Para essa análise, foi utilizada a proposta de Lucien Goldmann (1959), cujo método é denominado de estruturalismo genético, com foco no materialismo dialético. Segundo o autor, a expressão “estruturalismo genético” não se refere à genética, mas à gênese, à história, ou seja, genético significa historicidade. Para Goldmann (1959), o estruturalismo genético é um método que busca analisar todas as estruturas e que

busca observar a dialética entre o todo e as partes, entendendo que é impossível compreender a totalidade sem a articulação de suas partes, sem perceber o lugar que elas ocupam nas relações que constituem a estrutura total.

Partindo dessa visão dialética, podemos dizer que o estruturalismo genético consegue capturar não apenas o comportamento humano material, mas também representações sociais e formas de pensamento embutidas em ideologias que, quando criadas pela classe dominante, ocultam a realidade social que legitima as condições de exploração. Desse modo, a literatura é um terreno especialmente fértil para aplicação desse método.

O pensamento não é senão o aspecto parcial de uma realidade menos abstrata: o homem vivo e inteiro; e este, por sua vez, não é senão um elemento do conjunto que é o grupo social. Uma ideia, uma obra, só recebe a sua verdadeira significação quando ela é integrada no conjunto de uma vida e de um comportamento. Além disso, ocorre frequentemente que o comportamento que permite compreender a obra não é o do autor, mas de um grupo social (ao qual ele pode não pertencer) e, principalmente, quando se trata de obras importantes, à de uma classe social (GOLDMANN, 1959, p. 16-17).

Portanto, o método utilizado é viável para análise da personagem Emília, pois permite discussões pós-modernas em torno do empoderamento feminino e representatividade. Assim, através da leitura e da análise de obras que tenham personagens com representatividade social, é possível auxiliar a sociedade para a mudança do *status quo* na contemporaneidade.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 LITERATURA INFANTIL: UMA BREVE DISCUSSÃO

Quando falamos em literatura, referimo-nos a uma forma ampla de arte que nos alcança de maneira particular. Cada um com um ponto de vista, diante das páginas de um livro, vai ficar exposto às situações, que na maior parte das vezes são fictícias. Porém, com essas situações criadas, o autor pode levar questionamentos à imaginação individual e singular.

Candido (2006) aponta que:

A grandeza de uma Literatura, ou de uma obra, depende de sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar (CANDIDO, 2006, p. 48)

Neste contexto, uma vez que a literatura carrega consigo a intemporalidade e a universalidade, ela possibilita desde cedo o hábito saudável e mesmo profundo de ler. Assim sendo, insere-se também o público infantil, uma vez que as crianças tenham a chance de adentrar no mundo literário, a literatura ganhará relevância na formação de futuros leitores, com caráter sedimentado e personalidade crítica construída a partir de experiências literárias.

A literatura infantil, segundo algumas visões, toma um caminho em que, em si mesma, é um gênero, e ao mesmo tempo tem o valor da educação. Como gênero literário pode não aparecer tanto, ficando de forma mais discreta sua presença, aparentemente, subtraída em relação a outros da literatura (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Mas, com o papel da educação, ela tem a missão, e o faz, desde que se permita, de transformar. Seja no emprego de uma linguagem verbal, não verbal ou sincrética, um elemento pode estar sempre presente: o da fantasia.

Para além do discurso poético, falar em Literatura pressupõe recorrer à ficção. Sempre que entramos no plano da ficcionalidade, abdicamos da tentativa (válida) de ver o mundo do ponto de vista da objetividade (vê-lo pelo viés “não sujeito”), da lógica sistemática e do pensamento analítico – em resumo, o modelo “científico” característico dos livros didáticos informativos. Através da ficção, penetramos no patamar da subjetividade (a visão de mundo pessoal e singular), da analogia, da intuição, do imaginário e da fantasia (AZEVEDO, 2004, p. 40).

A literatura infantil tem como base a ficção que fomenta o imaginário do leitor e que não corresponde concretamente à dimensão real em que vivemos. Ela tem o poder de dar ao leitor a capacidade de interpretar o mundo à sua volta. E, como isso ocorre pelo simples fato de sermos leitores, também não poderia deixar de ser diferente e atinge “em cheio” as crianças. Como a literatura infantil é poderosa em si, e o mundo da fantasia está ali nas mãos daquele pequeno leitor entrelaçando a imaginação, ela dá a possibilidade de ser quem quiser dentro da história e até mesmo estimula o autoconhecimento, visto que a imaginação nutre a criatividade infantil. Por meio das histórias, a criança desenvolve uma consciência desde cedo, tem mais facilidade de aprender, fala mais rápido, tem mais autenticidade e facilidade nas resoluções de problemas, além de desenvolver mais cedo o ato de escrever.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Ademais, a literatura infantil vai perpassar por momentos históricos no Brasil e no mundo, pois, de maneira ainda embrionária, as abordagens ligadas à escrita voltadas para crianças no século XVII eram idealistas e de linguagem difícil para aquela faixa etária. As obras publicadas na mesma época não eram voltadas para crianças, eram, na verdade, de caráter ético-didático. Isto significa dizer que o livro tinha o único objetivo de ensinar, apresentando modelos que ditavam as “regras” para instruir e moldar a criança conforme indicado pelos pressupostos de crescimento.

É a partir da publicação dos contos de fadas de Charles Perrault, somados às adaptações dos romances de aventuras, como os clássicos Robinson Crusóe (1719), de Daniel Defoe, além da obra Jonathan Swift “*Viagens de Gulliver*” (1726), que fizeram sucesso entre as crianças, que se abriu um novo caminho: a literatura infantil se coliga em todo mundo. Elementos iguais estão presentes em qualquer continente com autores diferentes. Características semelhantes de que falamos acima são vistas também em “*Alice no País das Maravilhas*”, de Lewis Carroll. O bizarro de circunstâncias e personagens é fartura nessa obra, assim como o resultado final que se pretende, de beleza e aprendizado.

Autores todos da segunda metade do século XIX, são eles que confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista. Dão-lhe consistência e um perfil definido, garantindo sua continuidade e atração. Por isso, quando se começa a editar livros para a infância no Brasil, a literatura para crianças, na Europa, apresenta-se como um acervo sólido que se multiplica pela reprodução de características comuns (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 21).

No Brasil, a literatura infantil também passa por momentos históricos, influenciada pela literatura europeia. Quando consideramos os ciclos de colonização e a ascensão da autonomia artística, percebemos uma distância crítica entre essas obras ligadas às particularidades brasileiras. Ademais, a produção literária infantil nacional surgiu em meados do século XIX, com a criação da Imprensa Régia em 1808, que possibilitou a tradução de obras estrangeiras e acesso à leitura, apesar de ser ainda bastante limitada.

Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia, oficialmente em 1808, a atividade editorial no Brasil, começam a publicar-se livros para crianças; a tradução de *As aventuras pasmosas do Barão de Munchausen* e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos*, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. Mas essas publicações eram esporádicas (a obra que se seguiu a elas só surgiu em 1848, outra edição das *Aventuras do Barão de Munchhausen*, agora com a chancela da Laemmert) e, portanto, insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância. (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 21).

Até o final da década de 1910, o panorama geral da literatura infantil brasileira era o seguinte: as obras infantis eram amplamente associadas às escolas republicanas para sustentar o novo sistema político, tendo em vista que o acervo literário infantil teve ligação direta com os valores morais, cívicos e patrióticos, aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos, os quais refletem diretamente no comportamento cultural da época. As obras literárias de cunho cívico-pedagógico estão alicerçadas nos compêndios que valorizavam a moralidade e os bons costumes.

Como lembra Nelly Novaes Coelho (1985):

[...] através da leitura recreativa, procurava doutrinar ou transmitir conhecimentos científicos e práticos para as crianças, [...] o processo de ensinar através de contos e histórias que divertissem os pequenos leitores. Entendia, entretanto, que tal seleção não podia ser subordinada exclusivamente ao prazer ou diversão (COELHO, 1985, p. 177).

Dessa forma, muitas obras ganharam destaque com essa narrativa, entre elas: *O livro do povo* (1861), de Antônio Marques Rodrigues; *Amiguinho de Nhonhô* (1882), de Menezes Vieira; *Série Instrutiva* (1882) de Hilário Ribeiro; *Contos Infantis* (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira; *Contos da Carochinha* (1894), de Figueiredo Pimentel; *Livro das Crianças* (1897), de Zalina Rolim; *Contos Pátrios* (1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto, dentre outros. Nesse contexto, a leitura da infância brasileira está amparada nas lições escolares apoiadas no ideal do “futuro” ou “amanhã” do país, acerca da formação de cidadãos civilizados.

Portanto, a literatura infantil brasileira, praticamente, era incipiente até o início da década de 1920, pois as obras estavam ancoradas nos contos estrangeiros, além de estarem ligadas à perpetuação da boa educação. Só foi a partir de Monteiro Lobato (1920-1930) que houve a ruptura do “Brasil de ontem” com o “Brasil de hoje”, sendo a partir dele que as obras brasileiras começaram a encontrar o seu próprio caminho.

Antes de Monteiro Lobato havia tão-somente o conto com fundo folclórico. Nossos escritores extraíam dos vetustos fabulários o tema e a moralidade das engenhosas narrativas que deslumbraram e enterneceram as crianças das antigas gerações, desprezando, frequentemente, as lendas e tradições aparecidas aqui, para apanharem nas tradições europeias o assunto de suas historietas. É o caso, por exemplo, dos Contos da carochinha, de Alberto Figueiredo Pimentel, aparecido em 1894, e que pode ser considerado o primeiro livro infantil publicado em português, no Brasil. E se pouco ou nada de original escreviam, as traduções eram também raras e irregulares (CAVALHEIRO, 1962, p. 144).

Seguindo o que foi posto anteriormente, percebe-se que essas obras eram meramente “cópias” de textos publicados na Europa e adaptados no Brasil. Portanto, Cavalheiro (1962) fazia críticas a esse modelo, principalmente por não abordar as tradições folclóricas brasileiras. Assim, não refletiam as tradições, os comportamentos e os costumes populares do país.

As mudanças vieram com José Bento Renato Monteiro Lobato durante a década de 1920. Esse escritor iniciou a produção literária voltada para o público infantil, que se consolidou na década de 1930 com o livro *Reinações de Narizinho* (1930). Monteiro Lobato escrevia de maneira própria e singular, afastando-se completamente das literaturas existentes da época. Ele destacava características do povo e do cenário do Brasil, valorizando sua cultura e os seus costumes. Logo, é notório o pioneirismo de Monteiro Lobato nessa jornada literária para o público infantil, já que suas obras constituem um grande divisor de águas para a consolidação da literatura infantil brasileira. Além disso, Lobato foi um visionário neste campo, pois através de sua força imaginativa foi capaz de dar vida a vários personagens infantis. Por exemplo, dar vida à Emília, uma das personagens de maior destaque na literatura direcionada às crianças e aos jovens. É dela que vamos tratar neste estudo, da boneca incomum de *O Sítio do Picapau Amarelo*. O universo lobatiano, apesar de carregado de fantasia, traz reflexões sobre o que é real.

Pode-se, ainda, ressaltar outra faceta lobatiana: a riqueza da obra está na forma dele sempre enxergar o Brasil como se estivesse de fora. E isso traz um efeito interessante: surge aí uma forma apurada de provocar o debate, assim como se estimula os leitores, permite a humanização e, por conseguinte, sua criticidade. Até para os adultos, fica à disposição esse caminho da obra de Monteiro Lobato, com o que não é lógico, não é convencional, de situações absurdas, mas que dentro da ficção vale o lúdico, o escape do mundo de obrigações.

Portanto, constata-se que o universo da literatura infantil brasileira é rico, tendo em vista que a presença do fantástico, do inusitado, da magia, que tem liberdade para nele habitar, permite-nos também o orgulho de ver adaptações de obras da literatura infantil para o cinema e a televisão. Temos, dessa forma, os elementos necessários para um mundo criado em páginas.

3.2 AS QUESTÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL

Em nossa sociedade, as percepções de gênero definem o contexto para homens e mulheres. Partindo dessa premissa, entendemos o gênero como um “dispositivo cultural,

constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino” (LINS, 2016, p. 10).

Ademais, o termo sinaliza uma rejeição do grau biológico que existe no uso de palavras como “gênero” ou “diferença de gênero”, e, também, enfatiza os aspectos relativos à definição normativa de feminilidade, afastando-se da teoria biológica, como forma de distinguir a maneira como homens e mulheres se comportam, e como interpretar essa diferença sociocultural. Além disso, mulheres e homens foram definidos em termos recíprocos e nenhum dos gêneros pode ser compreendido por um estudo completamente separado.

De acordo com Scott (1995):

Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como os rituais, e tudo o que constitui as relações sociais. (...). Segue então, que gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é causa originária da qual a organização social poderia derivar: ele é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1995, p. 15).

O termo “gênero” apareceu pela primeira vez entre as feministas americanas que desejavam enfatizar a natureza fundamentalmente social da discriminação de gênero e foi popularizado em 1990. No entanto, o termo tem sido usado desde 1970 pela teoria social.

Neste contexto, as questões de gênero vêm sendo discutidas nas últimas décadas em vários âmbitos sociais, entre eles no meio literário, pois as representações construídas têm exposto questões de desigualdades entre homens e mulheres, visto que muitos literários abordam concepções identitárias e predominantes nos anseios masculinos. Por isso, faz-se necessário traçar algumas desconstruções dos pensamentos instituídos nos papéis sociais no que se refere ao gênero. Para Hooks (2018),

Uma literatura que ajuda a informar uma multidão de pessoas, que ajuda indivíduos a compreenderem o pensamento e as políticas feministas, precisa ser escrita em uma vasta gama de estilos e formatos. Precisamos de trabalhos principalmente direcionados à cultura jovem (HOOKS, 2018, p. 37).

Por conseguinte, quando falamos da representatividade feminina na literatura, temos que considerar a liberdade na escrita. Ao expor suas “verdades” ou buscar seu lugar de fala, a mulher tem a vivência das culturas sociais entrelaçadas às práticas cotidianas. Nesse cenário, entra em cena a literatura infantil, que também irá repercutir as questões de gênero, tornando-

se um campo fértil para debates dessa natureza, principalmente a partir da década de 1990. Desse modo, “vários livros infantis com esses temas foram lançados – as crianças, portanto, passaram a ter acesso ao que era pouco discutido até então, já que houve uma exteriorização de sentimentos e a elucidação das diferenças” (QUEIROZ; BUZAN, 2019, p. 160).

Ademais, a literatura infantil tem trilhado caminhos para a questão do feminino e sua representatividade na sociedade. Considerando a crescente evolução e as mudanças de paradigmas sociais que podem ser percebidas no século XVIII, a mulher assume um papel questionador no que diz respeito à sociedade e aos seus reflexos na literatura infantil contemporânea.

No século XVIII, início da sua repercussão, os contos de fada expressaram em seus conteúdos a distinção de comportamentos de gênero. Era comum que suas personagens retratassem a dominação masculina e a dependência feminina. Assim, enquanto a sociedade estabelecia os estereótipos de gênero masculino e feminino, a literatura perseguia tais padrões sociais, caracterizando a figura feminina como o sexo frágil (CANAZART; SOUZA, 2017. p. 7).

Vale ressaltar que a literatura traz consigo a representação do cotidiano percebida nas práticas sociais. Partindo desse pressuposto, algumas obras literárias da literatura infantil, produzidas no final do século XIX e no início do século XX, como a obra *Barba Azul*, de Charles Perrault (1697), e *A Branca de Neve*, dos irmãos Grimm (1812), trouxeram vários estereótipos da figura feminina idealizada, como a esposa submissa, a mulher romantizada, a princesa amorosa.

Dessa forma, pode-se dizer que, nos contos infantis, as personagens femininas foram, por muito tempo, oprimidas, discriminadas e severamente punidas, especialmente as mulheres que ousam quebrar o paradigma estabelecido. Durante séculos, a representação feminina, na maioria das vezes, foi colocada como “objeto” a ser polido para obedecer e atender às expectativas externas, especialmente às dos pais e maridos, sendo estes últimos escolhidos pela família. Até meados do século XX, a mulher foi comumente representada na literatura como um ser submisso e sem ter o poder de fala, além de ser condicionada aos padrões comportamentais estabelecidos pela sociedade. Nesse contexto, a figura feminina no campo literário, no século passado, traz a personificação da mulher cuidadora. Uma figura representada pelos afazeres domésticos para menosprezar ou subjugar sua capacidade de autonomia perante a sociedade.

E nessas representações, cabe ao gênero feminino as tarefas e qualidades menos valorizadas socialmente, já que lhe é imputado um status inferior, estabelecendo-se uma hierarquia entre um gênero e outro com base em tais imagens, tão fortemente

enraizadas na cultura, fica difícil perceber e aceitar alguém fora desse perfil, gerando permanentes situações conflituosas. E mais acirradas quando alguém se manifesta de outra maneira (AMARAL, 2004, p.17).

Desse modo, podemos perceber que as representações da figura feminina no meio literário foram cercadas e marcadas por estereótipos de submissão, sendo comum na vida das meninas e mulheres estereótipos atrelados à rotina de uma figura frágil e submissa. Isto posto, cuidar da casa e da família eram as principais tarefas desempenhadas por praticamente todas as mulheres na sociedade até meados do século XX. Logo, era “ideal” para perpetuar o desejo masculino de superioridade e do “suposto sexo forte”, e conseqüentemente, a busca masculina da perpetuação da inferiorização das mulheres tanto no âmbito familiar quanto social, acarretando, assim, a propagação do machismo.

Portanto, as questões que perpassam a história de submissão da mulher no contexto histórico e social adentraram também a literatura infantil. Canazart e Souza (2017, p. 10) explicam que “a partir do período em que surge uma literatura destinada à infância, [...] que os conteúdos literários apontavam para as crianças os estereótipos femininos de acordo com o contexto social a que se estava vivenciando”.

A Literatura Infantil vem, desde então, abordando a questão feminina de acordo com a sua representação na sociedade. Considerando as crescentes evoluções da mulher e as mudanças de paradigmas sociais desde o século XVIII, é indagador o papel desta no contexto social atual e seus reflexos na Literatura Infantil contemporânea (CANAZART; SOUZA, 2017, p. 14).

Assim sendo, a literatura infantil tem passado por transformações e avanços no contexto sócio-histórico-cultural até os dias contemporâneos. Conseqüentemente, presenciavam-se com maior efervescência, desde o período modernista brasileiro, obras com uma maior representatividade de mulheres que estão à frente do seu tempo, isto é, personagens femininas fortes e empoderadas. Pensando nisso, podemos citar o autor Monteiro Lobato, especificamente, a boneca/gente Emília que traz a desconstrução de padrões em sua personagem ao apresentar uma inteligência ímpar e um perfil questionador. “Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa” (LOBATO, 2019, p. 11). É assim que Emília é apresentada para os leitores no livro *Reinações de Narizinho*.

Em outro momento, no livro *Sítio do Picapau Amarelo*, Emília é aconselhada por Narizinho a casar com o porco Marquês de Rabicó para receber o título de marquesa e não ficar para titia. Quando o Senhor de Vidro Azul diz para a boneca comportar-se, a boneca indaga: “Não tem mas, nem meio mas! Quem manda neste casamento sou eu. O Marquês fica

por lá e eu fico por cá — declarou Emília, toda espevitadinha e de nariz torcido” (LOBATO, 2019, p. 146). Em resumo, podemos traçar a feminilidade potente dessa personagem inteligente que fala o que pensa e é cheia de criticidade, ou seja, representa um feminino livre, longe das amarras ditatórias.

Assim, é possível perceber que a presença de personagens femininas desempenhando um papel de destaque na trama serve de apoio para aqueles que não se identificam como populares na realidade e também inspiram crianças, principalmente as meninas, para serem livres e empoderadas, ao encontrar-se nas histórias. A posição da menina, nessa desconstrução, manifesta questionamentos em torno dos valores sociais existentes, desenvolvendo capacidade de lidar com essas objeções, além de fomentar práticas para alcançar o empoderamento feminino e a busca de mudança dos elementos simbólicos culturais que vigoram como “naturalidade” homogênea à identidade da mulher.

3.3 VIDA E OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Em 18 de abril de 1882 nasceu José Bento Renato Monteiro Lobato em Taubaté, no interior de São Paulo. Monteiro Lobato foi um dos escritores mais influentes no Brasil. Filho de José Bento Marcondes Lobato e de Olímpia Alves Monteiro, filha de José Francisco Alves Monteiro, o Visconde de Tremembé. O escritor foi alfabetizado por sua mãe e depois por um professor particular e desde cedo despertou o gosto pela leitura. Ainda menino, leu todos os livros da biblioteca de seu avô. Aos 14 anos foi estudar no colégio interno Stafford, de Taubaté, e em seguida no Colégio Paulista. Em 1898, seu pai faleceu e no ano seguinte sua mãe, ficando aos cuidados do avô materno, o Visconde de Tremembé. “Monteiro Lobato, [sic] era, pois, um genuíno paulista do Vale do Paraíba, descendente por todos os lados de velhas famílias de agricultores e proprietários de terra” (NEVES, 1948, p. 266).

Em 1900, por imposição do avô, Lobato ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, embora quisesse estudar artes plásticas. Nesse período, morou em uma república estudantil no centro de São Paulo com os amigos Godofredo Rangel, Lino Moreira e Raul de Freitas. O grupo se reunia para escrever para um jornal de propriedade de Benjamin Pinheiros e publicado em Pindamonhangaba. Eles usaram vários pseudônimos para falar contra o prefeito da cidade. Monteiro Lobato e Godofredo Rangel mantiveram uma amizade duradoura, trocando correspondência durante 40 anos, que mais tarde foi reunida num livro intitulado *A Barca de Gleyre* (NEVES, 1948).

Lobato também escrevia para o jornal universitário numa época em que já demonstrava preocupação com causas nacionalistas. Em 1908, casou-se com Maria Pureza da Natividade e com ela teve quatro filhos, a primogênita Marta, Edgard, Guilherme e Rute.

Monteiro Lobato escreveu sobre vários assuntos para o jornal “O Estado de São Paulo”. Em 1918 escreveu sua primeira coletânea de contos, *Urupês*, na qual apresenta a figura do Jeca Tatu.

Em 1921, publicou *Narizinho Arrebitado* que mais tarde passaria a ser conhecido como *Reinações de Narizinho*. Publicou *Saci* (1921) e *O Marquês de Rabicó* (1922). As obras fizeram um enorme sucesso com o público infantil, o que levou Lobato a voltar seu olhar e expandir as aventuras em outros livros, tornando-se o pai da literatura infantil. Monteiro Lobato “foi o primeiro escritor brasileiro a pensar na inteligência da criança, na curiosidade intelectual e na capacidade de compreensão.” (SANDRONI, 1987, p. 60).

Atualmente, a obra lobatiana é criticada, por comportar uma representação estereotipada e racista na literatura, fomentando questionamentos, dúvidas e discordâncias entre pesquisadores, escritores e leitores. Desde sua morte, a obra de Lobato foi abraçada e criticada por autores contemporâneos ao questionarem suas crenças ou valores morais. Apesar das críticas, Monteiro Lobato é considerado um dos maiores criadores da literatura brasileira de todos os tempos. É inegável, também, que Lobato trouxe contribuições importantes para o campo literário, além de nos apresentar o *Sítio do Picapau Amarelo*, no qual Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Marquês de Rabicó, Cuca, Saci, e em especial, Emília, a personagem escolhida para esse estudo, viveram incontáveis aventuras que ultrapassaram as fronteiras do sítio e ecoaram também nos pequenos leitores, como o gosto pela leitura, a imaginação, a criatividade e a criticidade.

A maior parte de seus livros infantis tem como pano de fundo o *Sítio do Picapau Amarelo*, uma pequena fazenda no interior, e apresenta nas narrativas personagens marcantes como Dona Benta e seus dois netos: uma menina, Lúcia, que sempre é chamada pelo apelido, Narizinho (Narizinho, porque tem o nariz arrebitado), e um menino, Pedrinho. Também podemos encontrar a cozinheira, Tia Nastácia (ela faz os deliciosos quitutes), Visconde de Sabugosa, Cuca, Marquês Rabicó e a tagarela boneca de pano Emília.

A personagem Emília é marcante na obra de Monteiro Lobato, pois ela é astuta, inteligente, corajosa, curiosa e crítica. Para Nelly Novaes Coelho (1998), a personagem traz a sagacidade do seu criador. Emília não tem a preocupação da sutileza e nem está presa aos padrões sociais, quando lhe perguntam: “Mas, afinal de contas, Emília, o que é que você é?”

Emília levantou para o ar aquele impicante narizinho de retrós e respondeu: — Sou a Independência ou Morte!” (LOBATO, 2017, p. 127).

Nesta perspectiva, surge uma reflexão sobre a personagem Emília: embora Lobato não tivesse a pretensão de “empoderar” uma boneca, ao representar nela uma criança livre, dona de uma criticidade pungente, pode ser percebido um empoderamento em suas falas e comportamentos. Suas ideias inspiraram muitas gerações de pensadores criativos, constituindo nos sujeitos a capacidade de interagir com o mundo e, nele, atuar como cidadãos, além de despertar uma consciência humanista acerca da história e do contexto social em que vivemos. Em contrapartida, faz-se necessário ressaltar que esta obra de Lobato, assim como outras, também reproduz comportamentos e costumes da época em que foi publicada. Sendo revisitada, em novas publicações, readequações podem ser necessárias.

Assim, a personagem carrega um discurso com argumentos intrínsecos e concisos do empoderamento feminino pertencente ao nosso cotidiano. Vale ressaltar que ela foi criada em 1931, e o tema ainda era tabu na sociedade. Além disso, o autor brinca com a língua ao permitir que a personagem trouxesse ideias revolucionárias no campo morfológico, apresentando uma linguagem coloquial, onomatopeias, entre outros. Nesse mesmo sentido, a boneca de pano Emília desconstrói os estereótipos vistos no senso comum em torno da figura feminina. Ao comportar-se de maneira “transgressora”, a boneca apresenta uma desconformidade que ultrapassa os lugares estabelecidos às meninas e às mulheres, despertando uma inquietude aos valores culturais e, diante desses anseios, desperta para os paradigmas sociais o direito de escolha e de se reconhecer como um ser livre.

Monteiro Lobato destaca que as crianças começam a perceber a vida através da fantasia e dos sonhos. Logo, a figura feminina nutre uma consciência argumentativa como a detentora de tais saberes ao adotar práticas cotidianas. Portanto, Monteiro Lobato acredita que as crianças adquirem valores e ideias que dão origem às diferenças culturais entre gerações através de sua interação com a imaginação. Em outras palavras, podemos dizer que a influência do brincar na infância, em suas diferentes fases de existência, dá forma a traços de personalidade, ideais e atitudes, influenciando diretamente a construção do ser. Ao olhar por essa perspectiva, as histórias ficcionais funcionam “como estruturas com as quais é possível dialogar: as vidas das personagens podem nos servir tanto para retratar a forma como administramos a nossa própria, quanto para se contrapor e questionar o sistema que inventamos” (CORSO; CORSO, 2006, p. 175).

4 ANÁLISE DO EMPODERAMENTO FEMININO NA PERSONAGEM EMÍLIA, DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

A personagem Emília do *Sítio do Picapau Amarelo* é vista ou posicionada como tagarela. Emília traz em sua personalidade uma inteligência ímpar no falar, no agir e, em especial, no sentir. A boneca tagarela, construída no imaginário do seu criador, Monteiro Lobato, tem uma representatividade marcante também no imaginário coletivo. A partir desse pensamento, a categoria de gênero que Lobato apresenta não está constituída na delicadeza das meninas ou na agressividade “esperada” dos meninos. Desse modo, o gênero não parte dos comportamentos típicos feminino e masculino, ou seja, não são governados por sua natureza biológica, mas pelos resultados de relações sociais histórica e culturalmente construídas (BUTLER, 2021).

Na obra de Monteiro Lobato, Emília é uma boneca de pano feita pela tia Nastácia, sendo amiga de Narizinho. A boneca de pano, após tomar a pílula falante do Doutor Caramujo, ela ganha vida. Apesar de não ser de verdade, por assim dizer, não ser do mundo real em que de fato vivemos, a obra de Monteiro Lobato nos induz de tal forma a acompanhar Emília, que, durante a leitura nos acostumamos completamente a ela, ou seja, nosso cérebro a aceita, e passamos também a conhecê-la, essa personagem tão magnífica que mereceu e merecerá análises com o tempo.

Além de tudo, há a carga de comportamento da personagem e outros aspectos a serem compreendidos, já que a boneca de pano rompe com os padrões de feminilidade da época. Mais especificamente falando sobre as décadas de 1920 e 1930, ela tem linguajar sem filtros e não se mostra disposta a casar por não ter paciência de lidar com um marido. Emília é sincera e “solta o verbo” quando lhe convém. Não se presta a portar como aquela figura recatada que alguém imaginaria em relação a uma mulher cheia de modos refinados das primeiras décadas do século XX. Partindo desse pensamento, nessa época as crianças eram vistas como seres sem capacidade de raciocínio e, dependentes dos adultos. Os pensamentos, desejos e necessidades das crianças, enfim, suas particularidades, eram ignoradas.

Ao longo da obra e do tempo decorrido nela, Emília amadurece mais, questiona tudo e fortalece a sua personalidade. Mas além de todos os fatores anteriores, a boneca gente inspirou muitas meninas em relação às questões étnicas, culturais e de empoderamento. É como se ela se mantivesse no caminho como uma nova proposta de comportamento para a mulher brasileira. Quem leu e acredita se encaixar no perfil ou no contexto proposto por Emília, conforme cresce intuitivamente, pode absorver ou ter absorvido as ideias. Aqui é

importante destacar que a boneca é uma representação da infância, das meninas. Ela só viria a representar a mulher adulta em um segundo plano, caso seja levado em consideração que as meninas que cresceram lendo a personagem posteriormente se tornarão mulheres.

Quando olhamos para o texto do livro *Reinações de Narizinho*, é possível encontrar trechos em particular que nos remetem ao empoderamento feminino presente na personagem de Emília, como no trecho em que duas adultas estão a conversar, a boneca “menina” sem permissão para entrar na conversa, ou sequer pedido permissão para falar, já explica o ocorrido: “- *Culpa dela, dona Benta! Narizinho tirou minha saia para vestir o sapão rajado.*” (LOBATO, 2019, p. 24). O mais marcante é que se trata da primeira fala da personagem no mundo real, ou seja, no sítio, entre outras pessoas reais, que não fosse Narizinho ou outros personagens fantásticos e imaginários. Sem nenhum medo de expor sua opinião e seu posicionamento sobre o acontecido, a menina se intromete na conversa de adultos.

Pode ser feita até mesmo uma analogia ao trecho em sequência, quando a senhora Nastácia, incrédula, ao receber a notícia por dona Benta, duvida da possibilidade de Emília estar falando. E prontamente recebe como resposta: “- *Mangando seu nariz! – gritou Emília furiosa. – Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o doutor Cara de coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu engoli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?*” (LOBATO, 2019, p. 24). Quantas eram as mulheres dessa época que não tinham espaços para se expressar e, por isso, se permitiam ficar caladas por muitas vezes, como se fossem verdadeiras mudas?

Emília, por tentar expor seu pensamento ou modo de entender as coisas e por não se enquadrar em um padrão esperado, era, por muitas vezes, qualificada como teimosa. Como é possível ver nos recortes do livro *Reinações de Narizinho*, a seguir: “*Viu que também era de gênio teimoso e asneiraste por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu.*” (LOBATO, 2019, p. 23); “[...] *era teimosa como ela só.*” (LOBATO, 2019, p. 26).

Na história, por mais que Narizinho tivesse muito apreço por Emília, algumas vezes ela esquece a companheira de todas as horas, isto em situações muito complicadas. Dois episódios marcantes são quando Narizinho machuca a língua com uma ferroadinha de uma vespa e, na dor, corre para casa e esquece da boneca no pé da jabuticabeira, lembrando-se apenas da amiga na hora de ir deitar (afinal, já tinha o costume de dormir conversando com a boneca deitada em sua cama). O outro é quando a boneca pesca um peixe, mas, ao fazê-lo, cai no rio, apesar de Narizinho ir buscá-la, ficou tão empolgada com o feito da pesca pela boneca que a deixou às margens do rio, molhada. E só se lembrou da boneca depois que comeu o peixe, pescado por Emília e frito por dona Nastácia. Aqui, é possível destacar que muitas mulheres

na época em que o livro foi escrito, e até mesmo nos dias atuais, porém com menos ocorrência, eram tratadas como meros objetos, esquecidas e deixadas “no canto” e apenas lembradas nos momentos de servidão.

Eram mulheres tímidas, que se dedicavam apenas para a casa, filhos e marido (AZAMBUJA, 2003) e que tinham que simplesmente aceitar a situação. Porém, a personagem Emília mais uma vez demonstra ter um comportamento diferente do de costume, pois no primeiro episódio que Narizinho a esqueceu, a boneca fez caras e bocas e só aceitou o esquecimento da dona “amiga”, apenas em troca de um novo vestido. Porém, a amiga voltou a esquecê-la.

De noite, à hora de deitar-se, narizinho lembrou-se de que havia deixado a boneca debaixo da jabuticabeira.

— Pobre da Emília! Deve estar morrendo de medo das corujas... e pediu a tia Nastácia que fosse buscá-la.

A negra foi e trouxe Emília, toda úmida de orvalho, danadíssima com o esquecimento da menina. E só com a promessa de um belo vestido novo é que desamarrou o burro. Um vestido de chita cor-de-rosa com pintinhas. E de saia bem comprida. (LOBATO, 2019, p. 29).

Desta vez, assim que teve oportunidade lembrou a amiga do seu esquecimento, e o fez de forma bastante atrevida.

- Grande coisa! Boneca de pano quando cai não se machuca. **[ao se referir ao fato da boneca ter sido estendida no varal para secar ao sol]** Eu é que não posso ficar neste sol tirano à espera de que a excelentíssima senhora condessa de Três estrelinhas seque! Quem mandou molhar-se?

- Mal agradecida! Se não fosse a minha malhadeira você não comia a traíra.

- Está pensando que era uma grande coisa a tal traíra? Só espinho...

- É, mas você comeu-a com espinho e tudo, e até lambeu os beiços. (LOBATO, 2019, p. 29, grifo nosso).

Outra narrativa que mostra o pensamento da época é o fato de narizinho querer casar Emília com um porco do sítio, o qual tinha o nome de Rabicó. Um dos motivos do plano era o fato de que Emília tinha título de Condessa, e Narizinho acha um título mais “nobre” o de Marquesa, e assim decidiu que daria o título de Marquês ao porco e o casaria com Emília, que passaria a ser Marquesa. Para isso, tentou fazer tudo arranjado, escondido da boneca, por considerá-la “muito vaidosa e cheia de si”, para aceitar tal arranjo (LOBATO, 2019, p. 43). Porém, como é citado no livro *Sítio do Picapau Amarelo*, Emília casou sim, mas casou por interesse próprio no título e, em seguida, se separou. Como visto no trecho em sequência: “— Pois a Emília casou-se apenas por interesse — para virar marquesa. Nunca sentiu o menor pingo de amor pelo Rabicó. Resultado: separação, e ela ficou impedida de aceitar as ótimas propostas de casamento que lhe apareceram mais tarde” (LOBATO, 2002, p. 72). O divórcio

foi instituído oficialmente com a emenda constitucional número 9, apenas em 1977 (SENADOLEG, 2017), ou seja, Emília estava bem à frente do seu tempo.

Seria, portanto, um casamento arranjado, no qual a noiva não tinha o direito da opinião ou de escolher, porém, o homem, ou seja, o noivo, a ele sim, lhe era feita a consulta do desejo do casamento e ainda lhe era oferecido um dote. O que é visto no texto em sequência:

- Mas afinal de conas, marquês, quer ou não quer casar-se com a condessa?
- Já declarei que sim, isto é, que casarei, se o dote for bom. Se não derem, por exemplo, dois cargueiros de milho, casarei com quem quiserem.
- Com a cadeira, com o pote d'água, com a vassoura. Nunca fui exigente em matéria matrimonial (LOBATO, 2019, p. 46).

Outro livro interessante é o livro *Memórias de Emília*, publicado em 1936, que tem a personagem Emília como uma das personagens principais da história, não sendo à toa que o título leva seu nome. Porém, uma coisa que deve ser destacada é que, por mais que o título seja “memórias de Emília”, quem as escreve é o Visconde de Sabugosa, por ordem de Emília, como demonstrado a seguir:

- Escute, Visconde - disse ela. - Tenho coisas muito importantes a conversar com Quindim. Fique escrevendo. Vá escrevendo. Faça de conta que estou ditando. Conte as coisas que aconteceram no sítio e ainda não estão nos livros.
- A história do anjinho de asa quebrada serve? - indagou o Visconde.
- Ótimo! Ninguém lá fora sabe o que aconteceu por aqui com o anjinho que caeci na Via Láctea.
- Conte isso e mais outras coisas. O que quiser. Vá contando, contando.
- Mas assim as Memórias ficam minhas e não suas, Emília.
- Não se incomode com isso. No fim dou um jeito; faço como na "Aritmética...". Disse e saiu correndo.
- O Visconde ficou de pena no papel, a pensar, a pensar. Por fim começou:
O ANJINHO DE ASA QUEBRADA (LOBATO, 2022, p.4).

Aqui é possível perceber a força da personagem e sua influência sobre outros. Outro ponto interessante é que na década de 30, período em que o livro foi escrito, as mulheres não frequentavam escolas, e muito menos universidade, porém, o magistério lhe era permitido:

- Constrói-se a relação magistério-domesticidade, ou seja, entende-se que o magistério é mais adequado para a mulher, por exigir o cuidado de crianças; ser professora é, de certa forma, uma extensão do papel de mãe. Além disso, o magistério passa a ser visto também como um bom preparo para a futura mãe de família (LOURO, 1989, p. 35).

Talvez, por isso, coube à Emília a missão de ensinar ao anjo caído “as coisas da terra”. De todo modo, foi uma posição de grande lisonja ensinar a um ser celeste, e que deve ser destacado pelo fato dela ser uma mulher, em uma sociedade que destacaria muito

provavelmente o homem para tal tarefa tão nobre. O trecho do livro que narra essa passagem encontra-se a seguir:

Uma criatura do céu não pode saber nada das coisas da terra, de modo que o anjinho se mostrou de uma ignorância absoluta de tudo quanto aqui por baixo à gente sabe até de cor. Teve de ir aprendendo com Emília, a professora.
- "Árvore, sabe o que é?" - perguntava ela. E como o anjinho arregalasse os olhos azuis esperando a explicação, Emília vinha logo com uma das suas (LOBATO, 2022, p.5).

Publicado oito anos depois de *Reinações de Narizinho*, o livro *O Picapau Amarelo*, de 1939, une vários personagens já conhecidos pelos leitores de Monteiro Lobato, desde personagens criados pelo autor, até personagens de outros livros infantis, como o Pequeno Polegar, Peter Pan, Branca de Neve e os Sete Anões. Temos também personagens que fazem parte da cultura de outros povos, como é o caso da Quimera, uma figura mística que faz parte da mitologia Grega, como personagem de leitura mais sofisticada como o Livro Dom Quixote de la Mancha, escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes, que se trata de um romance publicado em 1605, um clássico da literatura.

No livro *O Picapau Amarelo*, Emília terá maior destaque no capítulo XXI intitulado “O cruzeiro” e no capítulo XXII com o título “Transtornos na cozinha”. Esse último narra um final para o enredo do anterior. Mas o livro já começa com a personagem Emília a explicar a todos que o Mundo da Fábula é real. O trecho encontra-se em destaque a seguir:

Mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam.

— Só acredito no que vejo com meus olhos, cheiro com o meu nariz, pego com minhas mãos ou provo com a ponta da minha língua, dizem os adultos — mas não é verdade. Eles acreditam em mil coisas que seus olhos não vêem, nem o nariz cheira, nem os ouvidos ouvem, nem as mãos pegam. — Deus, por exemplo — disse Narizinho. — Todos crêem em Deus e ninguém anda a pegá-lo, cheirá-lo, apalpá-lo. — Exatamente. E ainda acreditam na Justiça, na Civilização, na Bondade — em mil coisas invisíveis, incheiráveis, impegáveis, sem som e sem gosto. De modo que se as coisas do Mundo da Fábula não existem, então também não existem nem Deus, nem a Justiça, nem a Bondade, nem a Civilização — nem todas as coisas abstratas. — Eu sei o que quer dizer “abstrato” — disse Emília. — É tudo quanto à gente não vê, nem cheira, nem ouve, nem prova, nem pega — mas sente que há. — Muito bem. Logo, o Mundo da Fábula existe, com todos os seus maravilhosos personagens (LOBATO, 2002, p. 4).

Aqui é interessante como a “boneca” constrói o seu entendimento a partir de uma construção lógica própria, sem intervenção e sem permitir que a lógica comum lhe impeça de opinar e construir seu pensamento, um posicionamento não comum do sexo feminino na década de 30. Esse trecho é de grande relevância quando se fala sobre o empoderamento

feminino, afinal, todos os avanços e conquistas que as mulheres conseguiram realizar foram possíveis graças às mulheres que opinaram e questionaram os pensamentos já construídos e entranhados na sociedade brasileira.

É possível ver um pouco desse pensamento do trecho retirado do periódico “Careta” (1930): “mulheres entregues às suas próprias inclinações, aos seus gostos e à liberdade de escolha, o mundo estaria povoado de híbridos, de gente sem raça, sem sangue, sem caráter, monstros gerados ninguém sabe como nem onde” (OSTOS, 2012, p. 319). Outro ponto é que Emília sabia ler e muito bem, como no trecho a seguir pode ser observado.

— A lente sumiu, vovó — disse ele — mas há os célebres olhos da Emília, mais penetrantes que todas as lentes do mundo.
Até uma pulga no pêlo do dragão de S. Jorge, lá na lua, ela já "detectou."
— Ótimo! Nesse caso, venha a Emília ler a cartinha do nosso amigo.
Muito orgulhosa do seu papel, Emília aproximou-se **rebolando**. Tomou a pétala dobrada, cheirou-a: "Ah! É rosa Bela Helena!" Abriu-a e leu com a maior facilidade: [...] (LOBATO, 2002. p. 5, grifos nossos).

Nesse trecho da história, o Pequeno Polegar enviou uma carta ao *Sítio do Picapau Amarelo*, no entanto, a carta era escrita sem tinta e em pétala de rosa, o que tornava difícil a leitura. Além disso, a Dona Benta não estava com lentes apropriadas para a leitura, e o neto da Senhora Dona Benta ressalta que os olhos de retrós preto faziam com que Emília enxergasse muito bem. Mas aqui, o destaque a ser dado é que de nada serviria a ótima visão se a menina não soubesse ler. E ela ler com fluidez como mostra o texto:

Prezadíssima Senhora Dona Benta Encerrabodes de Oliveira: Saudações. Tem esta por fim comunicar a v.Ex.^a que nós, os habitantes do Mundo da Fábula, não agüentamos mais as saudades do Sítio do Picapau Amarelo, e estamos dispostos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa das mais sem graça. Aí é que é o bom. “Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa — se a senhora der licença, está claro... (LOBATO, 2002. p.5).

A educação foi outra conquista do empoderamento feminino. Outro trecho curioso é que toda a história que é narrada no livro só é possível porque Dona Benta consegue comprar dois terrenos dos vizinhos, os quais, agindo de esperteza, querem explorar a Dona Benta pedindo valores absurdos em suas terras, e Emília com sua esperteza vai tornar a compra do terreno possível por um preço mais justo. Mas, nesse trecho da história, é importante destacar um trecho do capítulo:

Encontraram-nos na venda do Elias, bebendo cerveja entre grandes risadas. — "Desta vez a velha nos paga" — diziam eles. "Havemos de lhe arrancar couro e cabelo." Emília e o Visconde entraram, sentaram-se atrás deles numa mesinha dos

fundos, e pediram meia garrafa de cerveja e duas cocadas queimadas (LOBATO, 2002, p. 9).

Emília entra em um ambiente predominantemente masculino, senta-se à mesa acompanhada de um homem, pede uma bebida alcoólica e tem uma conversa amigável. Uma cena totalmente inusitada devido à cultura machista no Brasil na época. Albuquerque (2020) conta que uma mulher frequentar um bar, por exemplo, poderia ser visto como sintomas apresentados por mulheres interdidas em hospícios. E, no livro, a cena de Emília sentada à mesa de um bar é narrada sem nenhum preconceito e até mesmo com certa simplicidade, sendo que naquela época “Independentemente da sua condição social, todas as mulheres encontravam limites legais ao exercício de sua liberdade” (OSTOS, 2012, p. 316).

Emília é uma boneca que sempre mostra a sua opinião e seu entendimento sobre os temas que estão ao seu entorno. De forma até mesmo atrevida. “- Cabê, sim! - berrou Emília, encantada à idéia” (LOBATO, 2002, p.34). Isso também reflete a nova postura de algumas mulheres na década de 20 e 30. Albuquerque (2020) conta que as mulheres modernistas desafiaram os padrões femininos que existiam na década de 20. Essa nova postura fazia com que muitos as descrevessem como “radical”, “extravagante” e “excêntrica”. Entretanto, a verdade é que essas mulheres modernistas passaram a ditar comportamentos que em sua época eram considerados inaceitáveis até então. Entre essas condutas consideradas como não apropriadas para a época estavam: viajar sozinha; separar-se do marido; frequentar bares; praticar esportes.

Emília era uma personagem de grande personalidade e importância na história como mostrado no trecho em destaque:

A atrapalhão foi tanta que Emília teve de largar do binóculo para assumir o comando. Idéias! Venham idéias! Emília dava murrinhos na cachola, a ver se saía alguma idéia boa. No começo não saiu nada; depois, um sorriso de triunfo brilhou-lhe nos olhos.— Acalmem-se! Ainda há "o supremo recurso" — disse a diabinha (LOBATO, 2002, p.56).

A boneca não tinha medo de falar ou expor sua opinião:

Emília, que estava ouvindo a conversa, não se conteve. — Desculpe, "Seu" Gancho, mas eu sei da esfrega que o senhor levou de Peter naquele dia do combate. Não queira negar. Peter Pan bateu-se com valentia rara, escapou de todos os golpes que o senhor lhe deu e foi levando o senhor até à amurada do navio. E o senhor até deu um grito de desespero, lembra-se? Gritou: "Quem és tu, menino infernal?" E ele respondeu: "Sou a juventude eterna!" e soltou um coricocó. E foi, então, e o senhor caiu n'água, bem dentro da boca do crocodilo. — Sim, é isso o que os livros dizem — concordou o velho pirata — mas tanto é falso que aqui estou, são como um pêro.

— Mas eu li! — gritou Emília (LOBATO, 2002, p.61).

Sem medo de rebordosa, Emília coloca sua opinião independente de quem fosse se desagradar com ela, mesmo que a pessoa fosse um homem, de quem se espera certa autoridade ou posição de superioridade.

Ao ouvir tais palavras, Branca de Neve correu para o colo de Dona Benta, aos berros. — "Meu Príncipe, ai, ai, ai! O meu amado esposo já não existe mais!..."
A cena abalou profundamente a todos — menos Emília, que disse:
— Boba! Aquele Príncipe gostava mais dos veados e faisões do que de você (LOBATO, 2002, p.74).

Emília era uma boneca empoderada, muito bem resolvida que não se deixava prender por qualquer coisa. Ela se dava o devido valor e tentava demonstrar às mulheres que elas precisavam se valorizar, até mesmo as casadas. No entanto, o texto seguinte também demonstra um pensamento da época em que as mulheres da década de 30, que eram casadas, eram mulheres interesseiras. Vejamos o conselho que Emília dá à princesa: trocar o seu príncipe falecido por um bem melhor "Além disso era um príncipe sem importância, dos que não têm história. Já o Codadade é de outro naipe — pertence às "Mil e Uma Noites", coisa mil e duas vezes melhor. Eu, se fosse você, até pulava de contentamento" (LOBATO, 2002, p. 74, grifos nossos).

De acordo com Moreira (1997), existia no final do século XIX e, também, nas primeiras décadas do século XX uma tendência a se estipular práticas e discursos que tinham como objetivo normatizar e disciplinar os comportamentos considerados como mais adequados para o núcleo familiar. Para exemplificar isso, a autora traz alguns trechos que a imprensa ferroviária paulista apresentava na década de 30.

De acordo com o que era mostrado na imprensa paulista, existia uma preocupação pelo "perigo feminino", e sobre isso eram publicados poesias, crônicas, piadas, caricaturas, provérbios e outros textos que destacavam que o casamento era um "um campo de tortura onde o homem é a vítima e a mulher a oportunista e algoz" (MOREIRA, 1997, p. 29).

Emília foi uma personagem feminina em um momento muito conflitante entre o papel da mulher e o papel do homem na sociedade. Ela ocupou por muitas vezes o papel de figura central nas histórias de Monteiro Lobato, como no livro *Memórias de Emília* e teve grande presença na literatura infantil. Sobre a personagem e seu criador Monteiro Lobato, os autores Souza e Amaral (2017) falam que o escritor era amigo das mulheres, possuindo uma visão

sobre o gênero feminino diferente da maioria dos intelectuais de sua época, uma de suas opiniões era sobre o casamento.

Monteiro Lobato advogava sobre a mulher ser livre para escolher seus ‘parceiros’. Por isso, a personagem Emília era rebelde e não tinha nenhum interesse por temas relacionados ao amor ou problemas domésticos. Na verdade, Emília era ambiciosa e, muitas vezes, até mesmo tirana, como pode ser observado em um diálogo entre a boneca e o Visconde de Sabugosa, no trecho do livro *Memórias de Emília*:

Visconde, eu estou no mundo dos homens há pouco tempo, mas já aprendi a viver. Aprendi o grande segredo da vida dos homens na terra: a esperteza! Ser esperto é tudo. O mundo é dos espertos. Se eu tivesse um filhinho, dava-lhe um só conselho: "Seja esperto, meu filho!" - E como lhe explicar o que é ser esperto? - indagou o Visconde. - Muito simplesmente - respondeu a boneca. - Citando o meu exemplo e o seu, Visconde. Quem é que fez a "Aritmética"? Você. Quem ganhou nome e fama? Eu. Quem é que está escrevendo as Memórias? Você. Quem vai ganhar nome e fama? Eu... O Visconde achou que aquilo estava certo, mas era um grande desaforo. - E se eu me recusar a escrever? Se eu deixar as Memórias neste ponto, que é que acontece? Emília deu uma grande risada. - Bobo! Se fizer isso, pensa que me aperto? Corro lá com Quindim e ele me acaba o livro. Bem sabe que Quindim me obedece em tudo, cegamente. É inútil, Visconde, lutar contra os espertos. Eles acabam vencendo sempre. Por isso, abaixe a crista e continue. O pobre Visconde deu um suspiro. Era assim mesmo... (LOBATO, 2020, p. 34).

Para Souza e Amaral (2017), Emília não tinha limites para suas formulações orais e tampouco para suas ações. O que também é concordado pelo Visconde: “Emília é uma tirana sem coração, não tem dó de nada” (LOBATO, 2022, p.38). O mais interessante é o entendimento da própria boneca sobre si, pois quando questionada por ele: “Mas, afinal de contas, Emília, que é que você é?” (LOBATO, 2022, p.38), o mesmo teve a seguinte resposta: "Emília levantou para o ar aquele implicantar narizinho de retrós e respondeu: - Sou a Independência ou Morte." (LOBATO, 2022, p.38).

Emília representava a liberdade da mulher, de afetos e artefatos, a independência da feminilidade da forma que assim a mulher desejar. Para Coelho (1983), Emília é o alter ego de Lobato, pois Lobato já era feminista antes mesmo de surgir o movimento de valorização da mulher no Brasil (SOUZA; AMARAL, 2017). Emília terminou, por muitas vezes, por ser a porta-voz de Monteiro Lobato em suas críticas à sociedade (DIAS, 2019), e influenciou suas leitoras, afinal, Emília foi e é admirada por muitos.

(...) e aquela gente toda do sítio do Pica-pau Amarelo começou a virar a minha gente. Muito especialmente uma boneca de pano chamada Emília, que fazia e dizia tudo que vinha na cabeça dela. A Emília me deslumbrava! nossa, como é que ela teve coragem de dizer isso? ah, eu vou fazer isso também! (NUNES, 2004, p.18).

Emília era a possibilidade de ser diferente, em um mundo padronizado para as mulheres, que não lhes permitia muitas escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das discussões apresentadas neste artigo, foram abordados temas como empoderamento feminino, gênero e a importância da literatura infantil para a construção do ser humano, visto que estas são as principais vertentes que guiaram o desenvolvimento desta pesquisa. O objetivo principal do estudo foi analisar o empoderamento feminino por meio da personagem Emília, escolhida como objeto de estudo, por ser uma das mais marcantes da literatura brasileira.

Emília tem forte temperamento e não o esconde de ninguém, fazendo com que o leitor acione uma espécie de radar involuntário e a identifique como alguém ou alguma parte do meio social. Ao mesmo tempo, essa literatura infantil contribui para o amadurecimento de crianças, adolescentes e jovens leitores. Emília acaba também representando várias etapas de crescimento e desenvolvimento nas faixas etárias citadas. E mesmo de jeito “truculento”, ela não afasta totalmente o leitor ou o assusta, mas ela cativa do seu modo, e lança um tipo “convite” nas entrelinhas para a acompanharmos mais e mais.

Entendendo a boneca falante como uma representante do empoderamento feminino e como importante instrumento literário, apesar das ressalvas já discutidas em torno da obra de Monteiro Lobato, para promover o empoderamento de meninas desde a infância, percebe-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado. Levando em consideração que este artigo foi apresentado como requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras, o estudo ainda contribui para as discussões em torno da educação, já que, posteriormente, as reflexões aqui apresentadas podem ser discutidas em salas de aula. Consideramos esse diálogo necessário por ser uma forma de contribuir com o empoderamento de meninas desde os primeiros anos, de forma até lúdica, por relacionar uma personagem de um livro infantil a um assunto tão atual e tão problematizado nos dias atuais na sociedade.

Além disso, ainda pode-se pensar que futuros leitores, sobretudo futuras leitoras, podem acompanhar os passos das “Emílias” modernas do século XXI, com saberes diferentes, ideias diferentes, que serão construídas conforme a atualização dos tempos, pavimentando o caminho para construção de uma sociedade mais justa, ou seja, com equidade e respeito à diversidade cultural. Esta discussão futura, que poderá ser proporcionada por meio deste

estudo, está diretamente relacionada ao fato de o assunto poder ser fomentado em sala de aula, popularizando o debate em torno dos estudos de gênero e empoderamento feminino entre as crianças, de forma que elas reconheçam o próprio corpo e tenham consciência das próprias vivências ainda na infância.

Sabe-se que os principais papéis da literatura são exercitar a imaginação dos leitores, ampliar o conhecimento e o senso crítico diante da realidade. O leitor jovem, ao ser educado numa escrita libertadora, permite o desenvolvimento de competências como: criatividade, interatividade, criticidade, autonomia, dentre outros, além de libertar-se dos “silêncios interiores”, conforme a definição expressa por Mello (2005, p. 34).

Para as meninas, histórias que trazem protagonistas femininas, como a Emília, inspiram valores de empoderamento feminino, igualdade de gênero, sororidade, libertação de padrões patriarcais e inclusão social, que ajudam na construção dos pilares do feminismo como a igualdade e a equidade entre os gêneros. Considerando que as mesmas meninas, que tiveram contato com esta literatura na infância se tornarão mulheres, as mesmas histórias também as beneficiarão na fase adulta, propondo uma reflexão sobre a representatividade feminina na sociedade, posto que partimos do princípio de sua construção identitária, social e simbólica.

Aqui, ainda é possível apresentar uma outra contribuição para estudos futuros, no que diz respeito à busca pela igualdade e equidade entre os gêneros a partir do feminismo – ou movimento feminista. Butler (2021) apresenta uma crítica em torno do conceito de feminismo que foi popularmente propagado. Para a autora, é preciso analisar os diversos marcadores sociais das mulheres para entender para quem o movimento feminista fala: será que procura falar da mesma forma para meninas e mulheres brancas, negras, ricas e pobres, por exemplo? Nas próximas pesquisas, marcadores como sexo, gênero, classe social, raça, religião, condição corpórea, entre outros, também podem ser analisados, de forma que o empoderamento feminino seja propagado para todas as meninas e mulheres, sem exceção, visto que estas são seres múltiplos e não únicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Cristiane. **Mulheres modernistas desafiaram os padrões femininos do início do século 20**. Portal Fiocruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/mulheres-modernistas-desafiaram-os-padroes-femininos-do-inicio-do-seculo-20-0> Acesso em: 01 set. 2022.

AMARAL, Celena Izabel. **Representações do feminino e do masculino nas estórias infantis**. 2004. 197f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

AZAMBUJA, Cristina Spengler. **O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista O Cruzeiro***. Gestão e Desenvolvimento. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. 2003.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a literatura**. In: SOUZA, Renata Junqueira de. Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CANAZART, Karine Camilo. SOUZA, Oziel. **Estereótipos de gênero: uma comparação da representação da mulher nos clássicos da literatura infantil do século XVIII com a configuração feminina em obras infantis do século XXI**. Revista Formação@docente, Belo Horizonte, v. 9, n. 1 Janeiro/junho, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2006; Publifolha, 2006. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato – vida e obra**. Vol. 1, São Paulo: Brasiliense, 1962.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da Literatura Infantil/Juvenil Brasileira**. 1882-1982. São Paulo: Quíron, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: das origens Indoeuropéias ao Brasil contemporâneo**. 3. ed. São Paulo: Editora Quíron, 1985.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DAROS, Thuinie Medeiros Vilela. **Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil**. Revista Práticas de Linguagem. v. 3, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/172-%E2%80%93186-Problematizando-os-g%C3%AAneros-e-a-sexualidade-atrav%C3%A9s-da-literatura-infantil.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2022.

DIAS, Rosa Maria Noronha. **Meninas bonitas – um estudo sobre empoderamento feminino e relações étnico-raciais no contexto escolar a partir da Literatura Infantil**. Dissertação.

Mestrado de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

FUTURA.ORG. **As conquistas das mulheres ao longo da história**. Disponível em: <https://www.futura.org.br/as-conquistas-das-mulheres-ao-longo-da-historia/> Acesso em: 03 nov. 2022.

GOLDMANN, Lucien. **Le dieu caché**. Paris: Gallimard, 1959.

GRAEBIN, Iلسinéia. **Cotidiano, gênero e práticas organizativas: um estudo com mulheres em uma facção doméstica**. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras** / Bell Hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. História & Histórias. São Paulo: Ática, 2007.

LINS, Beatriz Accioly. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LOBATO, M. **Sítio do Picapau Amarelo**. Globo Livros, 2002.

_____. **Memórias da Emília**. Biblioteca Azul; 5ª edição, 2017.

_____. **Reinações de narizinho**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Magistério de 1º Grau: um trabalho de mulher**. Educação e Realidade, Porto Alegre, 14(2):31-39, jul/dez. 1989.

MADRIGAL, Mayra Alejandra Contreras. **Percepções da Afetividade em Atividades de Leitura Literária e Contação de Histórias Para Crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisas bibliográficas, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria.. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MELLO, Cristina (2005). **“O Leitor na Cena da Leitura”**, in RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; RETTENMAIER, Miguel; WESCHENFELDER, Eládio V. (org.). Vozes no Terceiro Milênio: A arte da Inclusão. Passo Fundo: UPF Editora (p. 157-179).

MOREIRA, Maria de Fátima Salum. **Homem e mulher na década de 30: tensões sociais e vida cotidiana**. Revista de Ciências Humanas, v. 15, n. 21, p. 23-35, 1997.

NEVES, Artur. Monteiro Lobato. **Fundamentos**, São Paulo, v. 2, n. 4/5, p. 266-287, setembro/outubro, 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/102725/per102725_1948_00004-00005.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro – um encontro**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

OSTOS, Natascha Stefania Carvalho. **A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945)**. Cadernos Pagu, p. 313-343, 2012.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a categoria mulher? In: ALGRANTI, Leila. **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas-SP, IFCH/UNICAMP, v. 48, p.7-42, 2002.

QUEIROZ, Fernanda Roberta Rodrigues. BUZAN, Thales Nascimento. **Os caminhos da literatura infantil escrita por mulheres**. IPOTESI, JUIZ DE FORA, v. 23, n. 2, p. 159-169, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/29203>. Acesso em: 29 abr. 2022.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SAMPAIO, Rosana Ferreira.; MANCINI, Marisa Cotta. **Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica**. V. 11, n. 1. São Carlos-SP: Revista Brasileira de Fisioterapia, p. 83-89, 2007.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as reações renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e realidade. Porto Alegre: UFGS, 1995.

SENADO LEG. **Divórcio demorou a chegar no Brasil**. 2017 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/divorcio-demorou-a-chegar-no-brasil>. Acesso em: 05 set. 2022.

SOUZA, Andressa Castro Priori; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. As novas identidades das princesas empoderadas na literatura infantojuvenil Contemporânea. **Revista Professare**, ISSN 2238-9172, Caçador, v. 6, n. 2, p. 97-122, 2017

TATAR, Maria. **Tradução**. “Contos de fadas”, edição comentada e ilustrada, introdução e notas de Maria Tatar, tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.